

OPINIÃO SOCIALISTA



Nº615
De 17 de junho
a 30 de junho
Ano 23

R\$2



(11) 9.4101-1917



PSTU Nacional



www.pstu.org.br



@pstu



Portal do PSTU



@pstu_oficial



FORA BOLSONARO E MOURÃO!



CHEGA DE GENOCÍDIO, FOME E DESEMPREGO

CHEGA DE RACISMO, LGBTFOBIA E MACHISMO

✔ Auxílio-
Emergencial
de R\$ 600 já

✔ Vacina para todos
já, com a quebra
das patentes

✔ Estabilidade no
emprego, aumento
dos salários e direitos

VAMOS ÀS RUAS COM MÁSCARAS PFF2, ÁLCOOL EM GEL E DISTANCIAMENTO SOCIAL



APONTE COM A CÂMERA DO
CELULAR PARA ABRIR A PÁGINA

Saiba onde será a
manifestação na
sua cidade



PDF INTERATIVO

- CLIQUE NO QR CODE >



DAS MATÉRIAS E VÁ DIRETO PARA O SITE

páginadois

CHARGE



“Quem fala ‘fora, Bolsonaro’ devia estar viajando de jegue”

Bolsonaro depois de ser vaiado e escutar “Fora Bolsonaro” e “genocida” em um v em Vitória (ES).

MACHISMO EM TERESINA

Vacinar cedo pra fazer comida

A Fundação Municipal de Saúde de Teresina, no Piauí, orientou que a vacinação na capital ocorresse em dois turnos. Pela manhã, a imunização seria feita nas mulheres e à tarde, nos homens. Questionado, o secretário da fundação, Gilberto Albuquerque, disse que a vacinação das mulheres ocorre no turno da manhã para que elas possam “voltar logo para fazer a comida cedo”. A declaração repercutiu nas redes sociais. Internautas criticaram a postura de Albuquerque, chamando de “absurda” e “ma-



chista”. “A vacinação em Teresina é definida pela idade e pelo machismo”, escreveu um internauta.

BANDEIRA VERMELHA

Luz vai ficar mais cara

“Ahhh... nossa bandeira jamais será vermelha”, grita com peito estufado o mais empedernido dos bolsominions. Só que não. A bandeira vermelha já é uma realidade permanente, pelo menos na nossa conta de luz. A bandeira vermelha nível 2, aquela que cobra as tarifas mais caras sob o consumo de energia elétrica, sofrerá reajuste nacional, deixando a conta de luz ainda mais alta, dificultando ainda mais a vida da classe trabalhadora. O sinal foi dado por André Pepitone, diretor-geral da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), em audiência na Câmara dos Deputados realizada neste dia 15 de junho. A tarifa da bandeira vermelha já era a mais alta e foi acionada há menos de um mês. Agora um novo e maior reajuste virá na sua conta. A ideia do governo



é elevar o valor tarifado para cada 100kWh (quilowatts-hora), que era de R\$ 6,24, para R\$ 7,57, mas a tendência é de que seja ainda mais alto, segundo Pepitone. A justificativa para mais esse ataque é a crise hídrica que o país atravessa, a qual, somada às crises sanitária e econômica, transforma o

Brasil em uma Venezuela, com risco de apagão.

A solução de Bolsonaro e Guedes é a privatização da Eletrobrás, e o exemplo dos apagões no Amapá mostram muito bem quais são os efeitos das privatizações. Bolsonaro vai apagar o Brasil.

LANÇAMENTO 24 JUN 19:00 NO FACEBOOK

PABLO BIONDI
AUTOR DE LITURGIA E PROFESSOR DE DIREITO

MARCUS ORIONE
PROFESSOR DE DIREITO NA USP

LUCIANA CANDIDO
REDACTORA

OPERACÃO LAVA JATO E LUTA DE CLASSES

PABLO BIONDI

Sundermann

WWW.EDITORASUNDERMANN.COM.BR

SOCIALISTA Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

JORNALISTA RESPONSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Luciano Lasp

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA
WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

✉ opinio@pstu.org.br

🏠 Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



Unidos nas ruas contra Bolsonaro

Enquanto fechávamos esta edição, o país se aproximava de meio milhão de mortes notificadas pela pandemia. Como lembra o biólogo Átila Iamarino, o Brasil é o país que mais registrou mortes no mundo em 2021: 293 mil. Isso porque, enquanto em outros países se avançou na vacinação e em medidas como quarentena, ainda que, de forma geral, bastante insuficientes para não atrapalhar os lucros das grandes empresas, por aqui o governo Bolsonaro atuou para que o vírus se disseminasse o mais rápido possível.

A CPI da pandemia vem revelando os detalhes desse genocídio perpetrado meticulosamente pelo governo. Ao mesmo tempo em que ocorre essa matança, a política econômica levada com Paulo Guedes à frente produz um cenário de terra arrasada, com desemprego recorde, uma queda na renda da população e dos mais pobres só comparada a uma situação de guerra e o avanço da fome.

Desgastado, Bolsonaro responde à crise com mais ataques, ameaças de ditadura e manifestações reacionárias como as “motociatas”. Agora, declarou guerra às máscaras. Com suas ações, faz questão de reafirmar que seu plano é



um só: mais mortes, mais desemprego, miséria, mais violência contra a juventude negra e ameaça de ditadura.

É urgente ampliar a unidade para avançar na luta pelo “Fora Bolsonaro e Mourão já!”. Dezenove de junho (19J) está logo aí, e é necessário que façamos desta data um dia ainda maior de protestos e manifestações do que foi o 29 de março. Deixar Bolsonaro

sangrar até 2022, como é o plano das direções do PT e de parte do PSOL, é deixar seguir livre o genocídio, o desemprego, a fome e a entrega do país. E é deixar o caminho livre para que Bolsonaro avance em seu projeto ditatorial, inclusive ameaçando com golpe caso perca as eleições, como vem falando de forma explícita.

Precisamos reforçar a luta para derrubá-lo já e discutir, pela

base, a necessidade da construção de uma greve geral sanitária, pressionando as direções das principais centrais sindicais, partidos da oposição parlamentar e da Frente Fora Bolsonaro. É necessário seguir o exemplo da CSP-Conlutas e chamar a construção da greve geral sanitária pelo “Fora Bolsonaro, vacina para todos já e emprego”.

Precisamos de vacina para to-

dos já, com a quebra das patentes das grandes farmacêuticas. Precisamos de uma quarentena nacional por, no mínimo, três semanas, e para isso é necessário um auxílio emergencial de verdade, de R\$ 600,00 (que deveria ser de um salário mínimo). Precisamos de emprego, direitos e salários.

Neste 19J, vamos às ruas. Com máscaras PFF2, álcool em gel e distanciamento social.

Frente ampla para governar não é solução

Para além do debate de se tirar Bolsonaro já ou esperar 2022, precisamos discutir o que colocar no lugar. Há uma tentativa da conformação de uma candidatura de “centro”, uma alternativa que, na verdade, reúne os setores da direita tradicional. E há a alternativa Lula, que vem chamando a formação de uma frente ampla, ou amplíssima com qualquer outro partido burguês que topa, como o PSDB, DEM, PSD, PSB etc.. Não só uma frente eleitoral, mas um governo com todos esses setores.

Lula propõe um governo de unidade nacional com todos os setores da burguesia, como os banqueiros, a grande indústria, o agronegócio e as grandes re-

des varejistas. Conta, para isso, com o apoio da maior parte da direção do PSOL, como vem demonstrando cada vez mais Guilherme Boulos. Também expressão disso foi Marcelo Freixo, que propôs, para o governo do Rio, uma chapa incluindo o DEM, se uniu ao economista tucano André Lara Resende e até mesmo ao marqueteiro que bolou o pato da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), e em acordo com Lula e aceitação da própria direção do PSOL, acabou de romper com esse partido para entrar no PSB de Márcio França (ex-vice de Geraldo Alckmin em São Paulo).

Ora, são justamente os mesmos setores burgueses que governaram este país por 500

anos, que fizeram do Brasil o país mais desigual do mundo e em que mais da metade da população sobrevive com menos de um salário mínimo. Um país que, embora seja uma das maiores economias do mundo, não garante sequer saneamento para mais da metade do povo. Um governo com esses setores, obviamente, não vai enfrentar o desemprego recorde, resolver a precarização do trabalho ou parar as privatizações e o desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS). Tampouco dar um basta no genocídio da juventude negra. Porque foram eles que justamente se beneficiaram dessa situação.

Uma coisa é cogitar, num eventual segundo turno, um

voto crítico numa candidatura que não seja de classe diante de uma ameaça autoritária. Outra, bem diferente, é atrelar a classe trabalhadora a um projeto com a burguesia, com um programa que é mais do mesmo do que sempre vivemos e que, inclusive, nos trouxe à situação atual.

ALTERNATIVA REVOLUCIONÁRIA E SOCIALISTA

Se nas ruas e na luta é preciso unificar com todo mundo que estiver contra Bolsonaro, quando se trata de programa e projeto de país, precisamos fortalecer uma alternativa independente de classe, sem banqueiros, o grande empresariado ou latifundiários. Para isso, é preciso,

na luta, avançar na auto-organização da classe trabalhadora, da juventude nas periferias e do povo pobre. É preciso avançar na construção de uma alternativa revolucionária e socialista.

Só um governo dos trabalhadores pode colocar em prática um programa que enfrente os bilionários e os banqueiros para garantir emprego, salário e direitos, além de moradia, saneamento, saúde e educação. Só com os trabalhadores e o povo pobre mobilizados e organizados no poder vamos enfrentar a exploração, o machismo, a violência racista e contra os pobres e a LGBTifobia.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/6VKER](https://pstu.ml/6vker)

27 ANOS DE IMPUNIDADE

José Luís e Rosa Sundermann, mártires da luta pelo socialismo

DA REDAÇÃO

No último dia 5 de junho, o PSTU completou 27 anos. Uma data lembrada com alegria diante de todos os desafios para se construir um partido revolucionário e socialista no Brasil. Mas, exatamente uma semana depois, lembramos com tristeza de dois mártires dessa jornada: Rosa Sundermann e José Luís, militantes do PSTU friamente assassinados na noite de 12 de junho de 1994, em São Carlos, no interior paulista.

Ambos atuaram como militantes da Convergência Socialista e estavam no recém-fundado PSTU. Rosa havia acabado de ser eleita para o primeiro Comitê Central do partido, no seu Congresso de fundação. Já José Luís compunha a direção do Sindicato dos Servidores

da Universidade Federal de São Carlos e da Fasubra (Federação de Sindicatos de Trabalhadores Técnico-administrativos em Instituições de Ensino Superior Públicas do Brasil).

Eram reconhecidos ativistas na região. Conhecidos, sobretudo, pela coragem com que enfrentavam as violentas oligarquias latifundiárias. Além das lutas de suas categorias, e outras, como a de apanhadores de laranja, em 1990 e 1993, dirigiram greves de cortadores de cana e atraíram a fúria dos usineiros e a hostilidade das forças de repressão.

UM CRIME POLÍTICO

A execução do casal tem todas as características de um crime político. Na época, foi desenvolvida uma investigação paralela para apurar os assassinatos. “Fizemos essa apuração e elaboramos um relatório justamente porque não



confiamos no aparato do Estado para isso”, relata o advogado Américo Gomes, hoje do Instituto José Luís e Rosa Sundermann. Ele acompanhou o processo e constatou os inúmeros elementos de um crime meticulosamente planejado e executado.

A investigação indicou como possíveis mandantes os donos da Usina Ipiranga, de açúcar e álcool, justamente por conta das greves lideradas pelo casal. “Na época foram bastante ameaçados, inclusive por oficiais da polícia”, relata Américo. Os donos da fazenda mantinham ligações com latifundiários do Pará, sobretudo Jairo de Andrade, que comprava terras, maquinários e mantinha casas de prostituição na região. Jairo, inclusive, era ligado a assassinatos de sem-terra.

O modus operandi das execuções, por sua vez, também evidencia o caráter profissional da ação. O assassino entrou na casa pulando o muro e desferiu um tiro certeiro na cabeça de Zé Luís, enquanto o casal assistia televisão. Rosa tentou se defender, recebeu um disparo no braço, sofreu uma coronhada e foi assassinada também com um disparo na cabeça.

Após o crime, o assassino se evadiu sem levar qualquer objeto. Apesar das evidências explí-

casas de uma execução política, levada a cabo por um assassino profissional, a polícia não quis seguir essa linha de investigação. O relatório paralelo foi entregue às autoridades, tanto à Polícia Civil quanto militar e ao Ministério Público, mas o caso foi arquivado.

A comissão paralela levou a investigação, então, à Comissão Interamericana de Direitos Humanos da Organização dos Estados Americanos (OEA), em que o caso também foi arquivado, mas há recurso para a sua reabertura. “Não esperamos nada desse governo que está aí, mas é bom que se diga que, infelizmente, os governos do PT, tanto o de Lula quanto o de Dilma, apoiaram o arquivamento da investigação aqui, encobrendo os assassinos de nossos camaradas”, afirma Américo.

ZÉ LUÍS E ROSA, PRESENTES!

Quase três décadas depois, a memória combativa do casal permanece, assim como seu exemplo de luta. Em 2013 foram simbolicamente anistiados pela Caravana da Anistia por conta da perseguição do Estado, e hoje seus nomes estão no instituto ligado ao PSTU, assim como a Editora Zé Luís e Rosa

Sundermann, dedicada a obras marxistas e à educação militante e revolucionária dos ativistas.

Esse crime bárbaro reforça, principalmente nos dias de hoje, a importância da autodefesa das organizações dos trabalhadores em face da violência dos patrões e dos aparatos de repressão. Mostra também que não se pode confiar no Estado para investigar os crimes contra a nossa classe e a necessidade de o movimento empreender suas próprias apurações.

Zé Luís e Rosa continuam inspirando tanto a velha guarda quanto as novas gerações. “Exigir punição, exigir justiça, durante todos esses anos, é prova de que estamos vivos, e enquanto estivermos aqui, vamos lutar pelas bandeiras que Zé Luís e Rosa Sundermann levaram durante toda a sua vida”, resume Luiz Carlos Prates, o Mancha, natural de São Carlos, a mesma terra de nossos mártires tombados na luta pelo socialismo.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/FF9QP](https://pstu.ml/ff9qp)

VEJA MAIS



APONTE COM A CÂMERA DO CELULAR PARA ABRIR A PÁGINA
À live em homenagem a Zé Luís e Rosa Sundermann

CASO KATHLEN

Não suportamos mais o extermínio do povo negro

CLAUDICEIA DURANS,
DA SECRETARIA NACIONAL DE NEGROS E NEGRAS DO PSTU

No último dia 8 de junho, Kathlen Romeo, mulher negra, grávida de quatro meses, foi brutalmente assassinada com tiro de fuzil no tórax disparado em uma operação ilegal da PM enquanto caminhava com sua avó, na comunidade Lins de Vasconcelos, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Uma jovem de apenas 24 anos, que teve seu projeto de vida interrompido de forma trágica pela violência policial.

A morte de Kathlen e de seu filho não pode se transformar em apenas um dado estatístico. Esse tipo de violência, comum nas periferias e favelas do país, tem que parar. Não suportamos mais o cotidiano violento em que jovens negros são presos, mortos, mulheres agredidas, desrespeitadas, crianças assassinadas, famílias inteiras destruídas sob a alegação de que a polícia precisa reprimir o comércio ilegal das drogas nas comunidades.

Os moradores de favelas e periferias sofrem cotidianamente a desigualdade social e a criminalização nas mãos do Estado, além da ação das milícias. Sofrem abordagens policiais truculentas, implementação de ações de higienização social e

ocupações violentas como as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), projeto que tem como foco a instalação da polícia militarizada nas comunidades com objetivo de controle social, causando verdadeira guerra aos pobres e sem nenhum projeto de políticas sociais de investimento mínimo em saneamento básico, saúde e educação.

EXCLUDENTE DE ILICITUDE

Cumprir destacar que o modelo de polícia adotado no Brasil é o da época da ditadura militar, violenta, racista, que usa a tortura e eliminação de corpos. Uma verdadeira máquina de repressão, cada vez mais com licença para matar, através do excludente de ilicitude que Bolsonaro quer ampliar, garantindo que militares e forças armadas em operação da chamada Garantia da Lei e da Ordem não sejam punidos caso haja mortes.

PREMIAÇÕES E HONRARIAS

Além de autorização para matar, policiais têm recebido prêmios. Quem não se lembra do decreto de gratificações faroeste criado em 1995 pelo então governador Marcelo Alencar para conceder bô-



nus a policial por bravura, que só aumentou as taxas de mortes no Rio de Janeiro? Esse decreto ficou em vigor até 1998. Não obstante, as premiações de policiais em operações estiveram presentes como política de Estado em sucessivos governos, assim como também na Assembleia Legislativa (Alerj), em que policiais corruptos são condecorados com honrarias. Um exemplo disso foi o deputado Flávio Bolsonaro, que homenageou 23 policiais na Alerj, a maioria condenados e réus pela Justiça. Entre eles, estava Adriano Nóbrega, ex-policia, miliciano, matador de aluguel, acusado de envolvimento na morte de Marielle Franco.

A polícia do Rio é a mais letal do país, e todos esses fatos contribuem para isso. A própria polícia militar revelou que na operação que matou Kathlen disparou sete tiros de fuzil. Depois da operação, a investigação recolheu 21 armas, o que expõe a militarização da vida na comunidade.

ILEGALIDADE

A avó da jovem assassinada afirma que no momento da ação, a rua estava tranquila, de repente, percebeu sua neta caída no chão e policiais vindos de tudo que era lado. A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB-RJ) já revelou que foi uma ação ilegal, pelas circunstâncias da morte em que policiais estavam

de tocaia numa casa, segundo testemunhas, momentos antes do tiroteio. A ilegalidade dessa ação baseia-se no fato de que há uma Ação de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 635) do Supremo Tribunal Federal que restringe operações policiais durante a pandemia para reduzir a letalidade policial, o que sequer foi levado em conta.

Esse fato já tinha sido observado com a operação da polícia civil realizada há um mês em Jacarezinho, que chacinou 28 pessoas. A polícia tem comando e quem determina são os governos. O governador do Rio de Janeiro é responsável pelo assassinato de Kathen! Basta dessa política genocida praticada contra o nosso povo!

CAPITALISMO E MASSACRE NAS FAVELAS

Um sistema racista e assassino

A ADPF 635 foi criada após o assassinato de João Pedro, que levou um tiro de fuzil na barriga por policiais civis e federais dentro de casa. Ainda que seja uma medida preventiva, a ADPF não foi suficiente para coibir a morte de Kathen e seu filho, assim como foi incapaz de impedir a chacina de Jacarezinho. Por isso não temos nenhuma confiança nessa justiça burguesa. A justiça fecha os olhos para essas graves situações e é cúmplice dessa mancha generalizada nas favelas.

Não há políticas sociais em tempos de crise econômica e pandemia, e o nosso povo está a sua própria sorte, desempregado e passando fome. Isso é resultado da política burguesa e do capitalismo que empurram nosso povo cada vez mais para a barbárie. É uma política racista.

O longo processo de escravidão, a abolição sem reparações históricas deixaram como legado a segregação de nosso povo, confinado em favelas sem a mínima condição

de sobrevivência. Os governos, sejam de direita ou ditos de esquerda, têm mantido o nosso povo na miséria e em condições sub-humanas, aumentando o lucro dos grandes capitalistas. É preciso barrar tudo isso! Defendemos, em primeiro lugar, a vida. É preciso descriminalizar as drogas, defendermos o fim da PM e a auto-organização das nossas liberdades contra a violência da polícia e de seus governos. Só uma revolução socialista poderá dar cabo disso tudo.



LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/KFUOS](https://pstu.ml/kfuos)

O DE CIMA SOBE...

Crescimento para quem?

Enquanto bilionários, grandes empresas e banqueiros enriquecem, crescem o desemprego e a pobreza.

DA REDAÇÃO

O anúncio do crescimento de 1,2% do PIB (Produto Interno Bruto, a soma das riquezas produzidas pelo país no período) no primeiro trimestre do ano foi amplamente alardeado pelo governo e o mercado. No dia 2 de junho, enquanto as painéis ressoavam pelas janelas, Bolsonaro afirmava na TV que “a economia mostrou seu vigor”.

Na vida real, porém, a grande maioria da população não viu esse tal crescimento. Embaixo, o que existe é desemprego recorde, redução drástica da renda, inflação e aumento da pobreza. Enquanto fechávamos esta edição, a Petrobras anunciava um novo aumento do gás de cozinha, o 15º seguido, sendo que o preço médio do botijão já passa dos R\$ 100,00 em várias regiões.

Esse novo aumento é um exemplo de quem está lucran-

do às custas do aumento da pobreza da população. Com o produto cotado em dólar, a elevação do preço no mercado internacional é repassada aqui. As famílias ficam mais pobres com a inflação, e os acionistas estrangeiros que controlam a maior parte da Petrobras faturam ainda mais.

MAIS POBRES CADA VEZ MAIS POBRES

A inflação dos produtos mais básicos atinge em cheio as famílias mais pobres. São elas que comprometem a maior parte da renda, não só com gás, mas com energia elétrica (que vai ficar mais cara com a privatização da Eletrobras), alimentação e medicamentos, alguns dos itens que mais registraram aumento no último período. Em maio, por exemplo, a inflação das famílias mais pobres (com renda de até R\$ 1.650,00) foi o dobro das mais ricas (acima de R\$ 16



LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/K40NN](https://pstu.ml/k40nn)

mil), segundo levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

Entre os meses de abril de 2020 e deste ano, o preço dos alimentos subiu 15,5%. A carne, outro item de exportação, virou raridade na mesa do brasileiro e seu consumo teve a maior redução em 25 anos. A queda na renda média das famílias foi de 10% desde o início da pandemia.

Se as famílias estão cada vez mais pobres, para onde está indo esse “crescimento”? A relativa expansão da economia mundial, so-

bretudo da China e dos EUA, puxou o setor agroexportador ávido por commodities (produtos primários), que foi o que mais cresceu nesse período. As grandes redes varejistas também se beneficiaram com a alta dos produtos básicos e o auxílio emergencial que, embora píffio, pôde manter o consumo das famílias até certo ponto. E até mesmo a indústria teve uma certa recuperação, ao mesmo tempo em que demite, rebaixa salários e direitos.

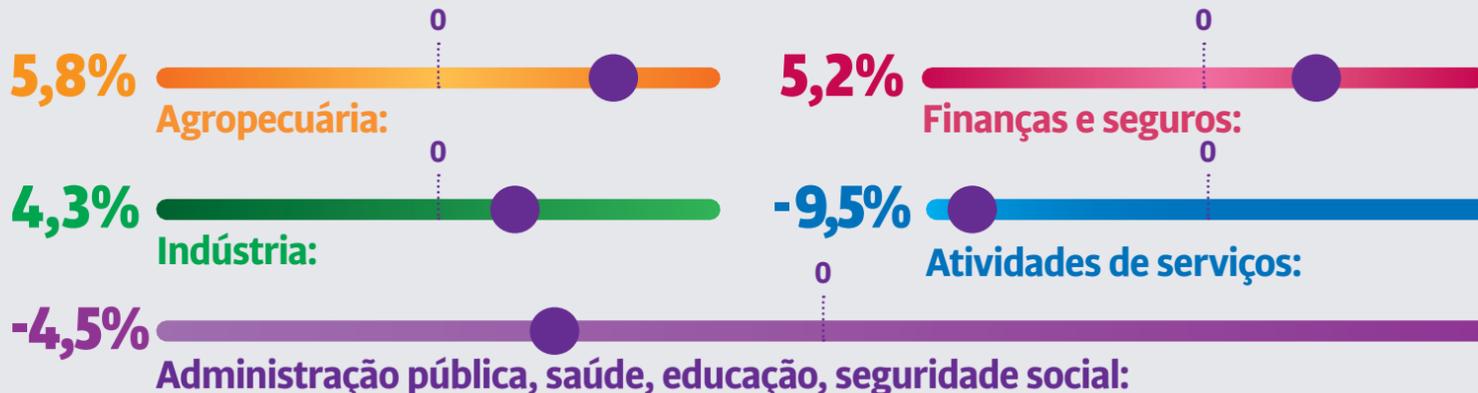
Quem também lucrou em meio à segunda onda da pan-

demia foram os bancos, que tiveram uma alta de 35,2% em relação ao mesmo período do ano passado (levantamento da Economatica levando em conta os quatro maiores bancos, que ganharam, juntos, R\$ 18,6 bilhões). Foi simplesmente o maior valor, em números brutos, já registrado na história.

Este é o resultado da política econômica de Bolsonaro e Guedes, e o que lhes garante ainda o apoio do grosso da burguesia, a despeito do genocídio em marcha na pandemia. E ao contrário de outros períodos da nossa história, como o ciclo do boom das commodities durante os governos Lula, que representaram algumas migalhas aos mais pobres e aumento do emprego (de baixos salários), desta vez se dá com o empobrecimento avassalador das famílias, puxado pelo desemprego recorde e a queda na renda.

SAIBA MAIS

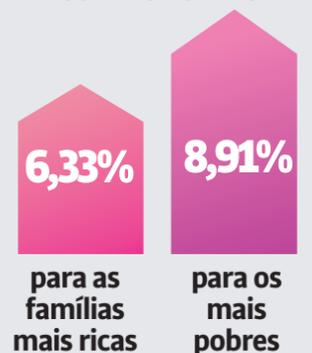
RAIO-X DO CRESCIMENTO DO PIB



(BOLETIM MACRO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE ECONOMIA DA FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS - FGV IBRE, COMPARADO AO MESMO PERÍODO DE 2019)

PAGANDO CARO

INFLAÇÃO ATINGE OS MAIS POBRES



(ACUMULADO DOS 12 MESES - ÍNDICE NACIONAL DE PREÇOS AO CONSUMIDOR DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - INPC-IBGE)

O DE BAIXO DESCE

Desigualdade bate recorde

O crescimento econômico ocorre de forma inversa à criação de empregos e ao nível da renda. Desde 2012 essas duas pontas nunca estiveram tão afastadas. De um lado tem-se o setor agroexportador enchendo os bolsos, as grandes redes varejistas lucrando como nunca, os banqueiros se beneficiando da alta dos juros e as grandes empresas investindo

em tecnologia para ampliar a produção. De outro, demissões em massa, a renda ladeira abaixo e 20 milhões de pessoas passando fome, segundo a Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede Penssan).

De acordo com o IBGE, o desemprego é recorde - 14,7%, ou 14,8 milhões de pessoas sem tra-

balho. Esses números se referem às pessoas que buscavam trabalho no período da pesquisa. Num critério mais amplo, o de subutilização (quem está apto a trabalhar, mas não tem emprego), são 33,2 milhões, outro recorde.

Mas o emprego é o último setor a se recuperar, então podemos vislumbrar uma melhora no curto prazo, certo? Errado. Enquan-

to o mercado projeta crescimento de 5% do PIB para este ano, não há qualquer perspectiva de uma recuperação sustentada dos empregos, da renda ou pelo menos o arrefecimento da inflação dos alimentos. O que se opera é, na verdade, a consolidação de um novo patamar de desemprego, de postos de trabalho precários e salários reduzidos.

BRASIL MISERÁVEL

PANDEMIA DE DESEMPREGO



(IBGE)

FORA BOLSONARO E MOURÃO

Governo impõe o desemprego e a miséria “de rebanho”

Assim como os quase meio milhão de mortes notificadas na pandemia não são obra do acaso, mas fruto direto de uma política deliberada por parte do governo Bolsonaro, a pandemia do desemprego e da miséria também não caiu do céu. É produto de uma política econômica que, para manter os lucros dos banqueiros, grandes empresários e latifundiários, joga os efeitos da crise nas costas da classe trabalhadora e da grande maioria da população.

Bolsonaro não só não tomou nenhuma medida para impedir as demissões e proteger os empregos, como reeditou a Medida Provisória para reduzir os salários. Após muita pressão, concedeu o arremedo de auxílio emergencial com média de R\$ 250,00, que

não compra sequer metade de uma cesta básica. E ainda cortou R\$ 22 bi da saúde em plena pandemia, além de manter um bloqueio de R\$ 1,5 bi na educação que ameaça até o funcionamento de universidades e órgãos federais de pesquisa. Tudo para manter o teto dos gastos e priorizar o pagamento da dívida pública aos banqueiros.

Sua política entreguista e capacho dos banqueiros se reflete diretamente no preço do gás de cozinha e dos combustíveis, já que mantém o preço dolarizado do petróleo a fim de beneficiar os investidores privados da Petrobras. A mesma coisa ocorre com a energia elétrica, cujo aumento, além de penalizar as famílias mais pobres, pressiona toda a cadeia de produção e provoca um efei-

to inflacionário em cascata. O que deve piorar com a privatização da Eletrobras, verdadeira obsessão de seu governo.

CORTINA DE FUMAÇA ELEITORAL

O projeto de Bolsonaro e Guedes é aprofundar ainda mais esses ataques, impor uma nova rodada de reforma trabalhista, precarização e uma reforma administrativa que mira os direitos e os salários dos servidores públicos. Diante da crise e da catástrofe humanitária aprofundada pela pandemia, o governo tem uma só estratégia: reforçar a guerra social contra os trabalhadores e os mais pobres.

Com vistas às eleições, porém, Guedes anunciou o adiamento do parco auxílio emergencial para setembro ou



outubro próximos. O governo também estuda uma versão turbinada do Bolsa Família, a fim de garantir dividendos eleitorais lá na frente. Medi-

das que são menos do que migalhas do que estão tirando, e pretendem ainda tirar, da classe trabalhadora e do povo pobre.

PROGRAMA

Enfrentar os banqueiros e os bilionários, por auxílio, emprego e salário



A crise que envolve o governo Bolsonaro em torno da pandemia promove atritos entre setores da própria burguesia. No entanto, o grosso dos banqueiros, grandes empresários e latifundiários ainda quer mantê-lo.

É a garantia de que terão seus interesses atendidos, mesmo às custas de centenas de milhares de mortes. Por isso, a primeira tarefa é tirar esse governo já, condição fundamental para enfrentarmos não só a pande-

mia, mas a tragédia social do desemprego e da fome.

Temos que lutar por um programa que enfrente os capitalistas que lucram com nossa morte e miséria. Precisamos de auxílio emergencial de R\$ 600,00 já (deveria ser de um salário mínimo, na verdade), enquanto durar a pandemia. Só assim teremos condições de fazer uma quarentena de verdade. É preciso lutar pelos empregos e o aumento dos salários. Isso passa por proibir as demissões e reduzir a jornada sem reduzir os salários, abrindo mais postos e absorvendo a mão de obra que está parada. E ainda perdoar as dívidas dos trabalhadores e amparar o pequeno negócio, garantindo a folha de pagamento das empresas de até 20 funcionários, além de garantir isenção e subsídio ao setor.

Também precisamos reverter a reforma trabalhista, acabar com a precarização e colocar em marcha um plano de obras públicas que gere empregos e ajude no enorme déficit habitacional que historicamente sofremos, além do saneamento básico.

Como fazer isso? Virando de ponta-cabeça a atual política econômica e colocando a economia a serviço da maioria da população, e não de meia dúzia de bilionários. É necessário parar de pagar a dívida aos banqueiros para investir em saúde, educação e emprego. Taxar em 40% as fortunas dos bilionários, os lucros e dividendos distribuídos aos acionistas das 100 maiores empresas do agronegócio. E estatizar, sob controle dos trabalhadores, o sistema financeiro para garantir crédito e investimento público.

Além disso, é preciso barrar as privatizações e a entrega do país. Reestatizar as empresas privatizadas, retomar a Petrobras das mãos dos especuladores e colocá-la a serviço do povo, reduzindo, para o preço de custo, o combustível e o gás de cozinha. A mesma coisa com a energia elétrica e a Eletrobras.

Um programa dos trabalhadores que enfrente a pandemia, o desemprego e a fome não vai ser posto em prática por esse governo ou por qualquer outro aliado com a burguesia. Por isso, é urgente fortalecermos uma alternativa socialista e revolucionária, pois só através de um governo socialista dos trabalhadores, baseado em conselhos populares, será possível resolver não só a catástrofe atual, mas os problemas históricos da maioria do povo.

PANDEMIA

Na Copa América, Bolsonaro celebra genocídio



DA REDAÇÃO

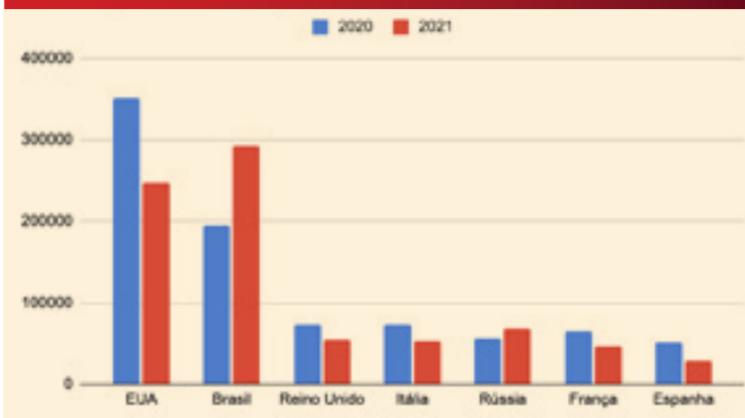
Há um vídeo circulando nas redes sociais que compara o número de mortes por Covid-19 no país à capacidade de lotação dos estádios de futebol. “O que são 470 mil pessoas? É um Maracanã, um Mineirão, um Mané Garrincha e mais sete estádios cheios de gente”, diz. Podemos acrescentar um ou dois estádios a mais, já que o Brasil está chegando próximo de meio milhão de mortos por uma doença que já tem vacina.

Esse é o clima funesto e de permanente luto que envolve a Copa América realizada no Brasil, em meio à maior tragédia da nossa história. Enquanto o genocida Bolsonaro grita gol, ao lado de um antro de cartolas corruptos e jogadores milionários, muitos milhares choram por seus mortos e outros tantos tentam garantir algum alimento para si e suas famílias.

A bola rola e a tragédia não para. o Brasil pode até ser campeão do torneio, mas já é o líder mundial de mortes por Covid-19 em 2021. Esse título é, de fato, uma conquista do genocida Bolsonaro.

A mortalidade por Covid-19 no Brasil é 4,4 vezes superior à média global. Em um ano e meio, a pandemia tirou 3,8 milhões de vidas no mundo, o que representa

MORTES POR COVID EM 2020 E 2021



FONTE: ÁTILA IAMARINO.

uma morte a cada 2 mil pessoas. No Brasil, em menos de um ano e meio, o vírus matou 490 mil, uma morte a cada 454 pessoas.

Bolsonaro é o maior aliado do vírus. Além de prejudicar o controle da disseminação do vírus, ele segue apostando e promovendo medicamentos comprovadamente ineficazes contra a Covid-19, como a cloroquina e a ivermectina. Medicamentos que, além de não funcionarem, trazem riscos de efeitos colaterais graves, como indicam 99,9% dos cientistas.

Na fracassada motocia realizada em São Paulo no último dia 12 de junho, que reuniu 12 mil bolsonaristas, o genocida defendeu novamente um decreto de não obrigatoriedade do uso de máscara para quem já contraiu o vírus ou para

quem já foi vacinado. Desse modo, age no velho método da “tigrada” da ditadura, que fazia atentados a bomba contra jornais, Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e até em shows para culpar “a esquerda” e, assim, justificar a manutenção do regime. Bolsonaro era parte dessa laia. Promove a disseminação do vírus, sabota a imunização da lenta e imprevisível vacinação no país para, lá na frente, dizer que a culpa não é dele, mas da “esquerda”, dos “comunistas”, dos LGBTs, dos quilombolas, das ONGs e tudo o mais contra quem dissemina ódio.

CPI: NOVAS REVELAÇÕES

Aos poucos, a Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da pandemia no Senado vai mostrando os bastidores da política genocida do governo. E a lista é

farta. O governo recusou inúmeras vezes a compra de vacinas no ano passado. A farmacêutica Pfizer, por exemplo, enviou mais de 80 e-mails ao governo e não obteve resposta. Bolsonaro, inclusive, recusou vacinas a valor 50% menor do pago pelos Estados Unidos e pela União Europeia em 2020. O governo simplesmente não quis adquirir vacinas, e isso custou milhares de vidas, o aprofundamento da crise, a perda de empregos e a quebra de pequenos negócios.

A CPI também mostrou a existência de gabinete paralelo formado por negacionistas da pandemia e contrários à compra de vacinas. Essa gente defendia a imunidade de rebanho e os tratamentos ineficazes contra a doença – hidroxiquina, cloroquina e ivermectina. Agora o foco das investigações é o financiamento de laboratórios e empresas que lucraram com a venda desses medicamentos ao Ministério da Saúde e injetaram muito dinheiro nas contas de médicos e políticos negacionistas para difundir a campanha pelo suposto tratamento precoce.

Sabe-se que Ministério gastou, no mínimo, R\$ 23,3 milhões com campanhas de divulgação do chamado tratamento precoce contra a Covid-19. Cer-

tamente, muito mais dinheiro vai aparecer, assim como serão revelados casos de corrupção envolvendo o governo. Afinal, Bolsonaro não pertence somente à “tigrada”. Sempre foi um notório corrupto ligado ao “centrão” que, ao lado de seus filhos, fez fortuna na política.

NÃO DÁ PRA ESPERAR ATÉ 2022

Motivos para derrubar esse governo genocida não faltam. Mas não dá para depositar nenhuma ilusão nessa CPI. Não há interesse em derrubar o governo, o objetivo da oposição parlamentar, incluindo o PT, continua sendo a aposta no desgaste de Bolsonaro para vencer as eleições de 2022. Por isso, há a ameaça de botarem um pé no freio das mobilizações contra o governo, o que é um erro absurdo.

A pandemia vai continuar ceifando a vida de milhares de pessoas com esse governo genocida que tem um projeto de ditadura para o país. E só por esse motivo não podemos esperar até 2022. É necessário dar continuidade à luta e a novas manifestações de forma unitária, como a próxima no dia 19. Esperar pelas eleições é se tornar cúmplice do genocídio em curso no país.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/SX3E8](https://pstu.ml/sx3e8)

“CEPA AMÉRICA”

Torneio de futebol vai ser criadoro de novas cepas

Numa jogada absurda, Bolsonaro aceitou sediar a Copa América no Brasil com a pandemia descontrolada. A mesma agilidade do governo em aprovar e autorizar a realização do evento não foi vista na aquisição das vacinas, nem de oxigênio para Manaus, nem para aprovação do auxílio emergencial para os milhões que estão

passando fome neste momento.

Na véspera do torneio, comentava-se sobre um clima de rebelião que rondava a seleção brasileira após jogadores demonstrarem insatisfação com a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) que mudou o torneio para o país, sem consultá-los.

Os jogadores ameaçaram boicotar o evento e prometeram lan-

çar um manifesto após o jogo das eliminatórias da Copa de 2022 contra o Paraguai, no dia 8 de junho. Pouco antes, o presidente da CBF, Rogério Caboclo, foi afastado da entidade por assédio sexual e moral contra uma funcionária. A podridão dos bastidores do futebol veio à tona e ofereceu uma oportunidade para que os jogadores dessem um gol-



pe no populismo genocida de Bolsonaro. Só que não.

Depois do jogo contra o Paraguai, os atletas lançaram um manifesto vago que se posicionava apenas contra a condução da realização da Copa pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Nenhuma crítica à CBF, tampouco ao governo brasileiro por sediar a Copa América no Brasil. Nenhuma referência à

pandemia e nenhuma palavra de solidariedade às vítimas da Covid-19 e suas famílias.

O manifesto foi uma demonstração da completa covardia e alienação dos jogadores. Seu mundo é do luxo, das mansões e salários milionários. Não estão nem aí para a realidade do povo trabalhador, desempregado, padecendo de fome e morrendo de Covid-19. Há quem especule que

a insatisfação dos atletas não era sequer com a mudança da sede da Copa para o Brasil, mas sim com suas férias comprometidas com a manutenção do evento.

Do ponto de vista da saúde pública, o resultado já aparece: 52 atletas e integrantes das comissões técnicas contaminados nas delegações da Venezuela, Bolívia, Colômbia e Peru até agora.

Essas seleções têm jogadores que atuam em 23 países diferentes e de todos os continentes. Uma “mistura” de diferentes cepas virais que podem levar o coronavírus a desenvolver variantes mais letais e com mais facilidade de transmissão é uma possibilidade concreta. O resultado é que a “Cepa América” pode terminar comprometendo a eficácia das vacinas atualmente disponíveis.



POPULISMO

Antecipação de vacinas pode ser jogada eleitoral

O governo João Doria (PSDB) anunciou a antecipação da campanha de vacinação em São Paulo. Outros governadores, como Flávio Dino (PCdoB), do Maranhão, e o prefeito Eduardo Paes, do Rio de Janeiro, também anunciaram tal medida. No entanto, isso pode ser apenas uma jogada eleitoral, pois não há garantias de que essa antecipação seja mantida.

Muitos especialistas alertam que isso pode ser um risco. A antecipação ocorre sem um aumento da produção da vacina, e mes-

mo sem um incremento significativo de novas remessas.

Uma parte da antecipação se dá porque muita gente dos grupos prioritários não foi tomar a primeira ou segunda dose. Ou seja, vai se valer de imunizantes que deixaram de ser utilizados nesses grupos. Outra parte da antecipação vai usar estoques que estariam destinados a uma segunda dose mais adiante. O que é uma decisão muito arriscada, já que pressupõe que o governo federal vai honrar o calendário de distribuição, o que até aqui não

tem ocorrido. No último dia 10, o Ministério da Saúde reduziu, pela terceira semana seguida, a previsão de entrega de vacinas para o mês de junho. Em 19 de maio, contava-se com 52,2 milhões de imunizantes; com a redução, passaram para 37,9 milhões.

Vacinação em massa e ininterrupta pressupõe produção em massa dos imunizantes. Mas isso só pode ser garantido com a quebra das patentes, ou seja, o fim do monopólio da produção e comercialização que as grandes farmacêuticas têm sobre as vacinas.



Antecipação de vacinação pode ser um risco sem produzi-las no Brasil, alertam especialistas.



Bolsonaro é vaiado e xingado em avião no Espírito Santo

PROGRAMA

- **Vacina para todos já! Fora Bolsonaro e Mourão!**
- **Quebrar as patentes e investir em tecnologia**
- **Lockdown por 30 dias já!**

MÁQUINA DE GENOCÍDIOS

Pandemia mostrou o fracasso do capitalismo

Enquanto meia dúzia lucra bilhões com a pandemia (da grande indústria farmacêutica a empresários da saúde no Brasil), a barbárie é uma realidade em grande parte do planeta.

As centenas de cadáveres boiando no Rio Ganges, na Índia, devido ao colapso sanitário, onde cotidianamente entre 20 e 25 mil pessoas morrem sem atendimento médico, são hoje a cena mais visível desse fracasso. Os mortos são jogados na água porque não há recursos nem para comprar a lenha necessária à cremação.

Não há vacinas no país que mais as produz no mundo porque elas foram vendidas para outros locais. E não há vacina para todos porque as multinacionais farmacêuticas têm exclusividade sobre sua produção e venda.

Por isso, há mais de 3,8 milhões de mortos vítimas da Covid-19 em todo o mundo (números, aliás, extremamente subnotificados). Ao lado disso, há uma enorme massa de desempregados, precarizados e indigentes. Principalmente para os setores mais explorados e

oprimidos dos trabalhadores – negros, mulheres, imigrantes, moradores das periferias.

O capitalismo é uma máquina de genocídios. Novas pandemias poderão surgir juntamente com as mudanças climáticas causadas pelo próprio sistema. O capitalismo destrói suas próprias condições naturais de produção, a saúde dos trabalhadores e condena a civilização. A única saída é a superação do capitalismo e a construção de uma sociedade socialista, governada pelos próprios trabalhadores.



Pandemia na Índia pode estar matando 20 mil por dia

POLÊMICA

Sobre a saída de Marcelo Freixo do PSOL

**CYRO GARCIA, DO PSTU
RIO DE JANEIRO (RJ)**

A saída de Marcelo Freixo do PSOL foi, sem dúvida, a crônica de uma ruptura anunciada. Há semanas, pelo menos, Freixo vinha negociando publicamente com diversos partidos, inclusive tendo mais de uma vez comentado na imprensa que estava sendo sondado por diversas siglas, como o PT, PSB, PDT, etc.

No início da pandemia, Freixo começou uma nova fase. Afirmando que estamos sob um governo fascista, passou a defender cada vez mais abertamente a construção de uma frente amplíssima. Em uma entrevista defendeu, pela primeira vez que, mesmo tendo diferenças, pessoas como Rodrigo Maia e Eduardo Paes eram aliados, quando muito adversários e não inimigos.

Nos meses seguintes, e com a aproximação das

eleições municipais, Freixo tentou uma frente com os diversos partidos da esquerda. Sua política, no entanto, fracassou, o que o levou a uma espécie de boicote ao PSOL. Freixo não apenas se recusou a ser candidato deste partido, mas, inclusive, pediu voto para um candidato a vereador do Cidadania.

A gota que transbordou o copo, aparentemente, foi a discussão do deputado de condicionar sua candidatura a governador do estado do Rio de Janeiro a um leque de alianças que incluísse não apenas PDT, PSB e PT, mas também Eduardo Paes e Rodrigo Maia, e todos os setores burgueses “democratas” que estejam dispostos a enfrentar Bolsonaro no tocante à defesa do regime democrático burguês, ou do capitalismo com “Estado Democrático de Direito”.

Pouco importa a Freixo que esses supostos demo-



Marcelo Paes, Rodrigo Maia e Marcelo Freixo

cratas tenham apoiado e apoiem em grande medida o projeto econômico de Guedes/ Bolsonaro, como a reforma da Previdência e trabalhista.

Mas Freixo faz uma movimentação desse tipo – de apoio ao capitalismo e ao “Estado Capitalista de Direito” – há muito mais tem-

po. Podemos citar, sem esgotar o tema, seu apoio às Unidades de Polícia Pacificadora, exigindo que elas fossem sociais e não somente policiais. Ou sua defesa das Organizações Sociais, e das PPPs (Parcerias Público/Privadas). Igualmente, defendeu o financiamento privado de campanha por empresas e grandes burgueses, tanto em causa própria como de outras candidaturas.

A reação do PSOL a todas essas políticas de Freixo, de suas inúmeras declarações públicas, foi nula. Freixo teve total liberdade para seguir defendendo essas propostas com cada vez com mais ousadia. No fim, saiu do PSOL foi porque quis, e não porque o PSOL lhe tenha imposto qualquer limite. Aliás, como afirmou o jornalista Glenn Greenwald na revista Carta Capital: “O movimento de Freixo não é surpreendente — ouvem-se rumores há semanas... (...) O que é notável, entretanto, é que nada disso poderia acontecer sem o consentimento do PSOL...O fato de estarem dispostos a ver seu político mais influente e bem-sucedido da última década trocar o

partido por um de centro-esquerda, e ainda apoiá-lo (ao menos implicitamente) ilustra uma mudança radical e importante na identidade do partido.”

A questão é por que se chegou a isso. Ao contrário do Glenn, acreditamos que isto não se deve apenas às circunstâncias, mas aos limites mesmo da natureza do PSOL, ou seja, um partido em essência democrático radical. Esse tema, em maior profundidade, tocaremos em outro artigo. Mas Glenn tem razão quando diz que essa atitude de Freixo e sua aceitação pela direção do PSOL, expressa uma mudança do PSOL no geral.

Esse mesmo movimento que faz a maioria do PSOL foi feito também pelo Podemos na Espanha e o Bloco de Esquerda em Portugal que passaram a integrar os governos burgueses da Social Democracia. Em Portugal tal coalizão recebeu o nome de Geringonça.

SAI FREIXO, MAS FICA A POLÍTICA DE FRENTE AMPLÍSSIMA

Freixo saiu após ver a política de frente amplíssima ser abraçada pelo PT e, especialmente, por Lula,



Guilherme Boulos e Lula



que tem dedicado ao deputado afagos permanentes nos últimos tempos. Não é surpresa que seja assim, Lula há muito tempo defende uma política de frente ampla com qualquer burguês que queira negociar com ele. Já esteve com Renan, Sarney, Temer, José de Alencar, Paes, e por aí vai, em uma lista interminável. Agora, chega ao PSDB e ao DEM, tentando ser expressão de um governo de “unidade nacional”, ou de composição com todos setores “democráticos” da burguesia, sejam liberais, conservadores, centrão e etc.

Muitos dos setores que estão contra Freixo, inclusive aqueles que condenam sua saída, estão neste momento junto com a maioria da direção do PSOL construindo uma política de apoio a Lula no primeiro turno, como alternativa política a Bolsonaro. Assim, Boulos em São Paulo, por exemplo, já declarou ser favorável a apoiar Lula e a ser candidato a governador do estado com o apoio do PT. A corrente Resistência, que divulgou uma nota onde critica Freixo, tem feito uma campanha pela candidatura de Lula, inclusive, acusando

outras correntes do PSOL por estarem construindo uma outra candidatura a presidente. Algo que, em suas palavras, dividiria a esquerda.

A esquerda do PSOL, que é minoritária, por seu lado, tem concentrado seus esforços em defender que o PSOL tenha uma candidatura própria, e por isso tem sido alvo da direita do partido. Apesar que, na nossa opinião, continua apresentando um programa democrático, ainda que mais radical, com medidas anti-neoliberais, mas não anticapitalista como dizem. Inclusive, o próprio MES, maior corrente desse bloco, defende uma Frente de Esquerda também de colaboração de classes, apesar de menos ampla, com menos setores burgueses, mas incluindo PDT, PSB e Rede.

A este tema, os limites das propostas e da candidatura da esquerda do PSOL, no entanto, também dedicaremos outro artigo. Queremos neste espaço discutir outro tema: a necessidade de construir uma alternativa socialista e revolucionária.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/HXZ3Z](https://pstu.ml/hxz3z)

O QUE DEFENDEMOS

CONSTRUIR UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA

Defendemos a necessidade da mais ampla unidade de ação para derrotar Bolsonaro. Estamos defendendo, desde o início do governo Bolsonaro, a necessidade de ações unificadas de toda a classe trabalhadora, e inclusive de outros setores que o repudiam.

Temos sido não apenas os defensores desta unidade, temos em cada oportunidade denunciado o governo e seus cúmplices, e organizado, na medida de nossas forças, todas as ações possíveis para colocar para fora Bolsonaro e Mourão, já! Sem esperar até 2022 para isso.

No entanto, reconhecer a necessidade de derrotar Bolsonaro não significa que coincidimos com as saídas apresentadas por todos os opositores dele. Gente como Maia e Paes podem até estar dispostos a derrotá-lo, mas foram e seguem sendo, para falar o mínimo, corruptos de carteirinha, representantes do capital internacional e nacional (dos banqueiros, do agronegócio, da grande indústria e das oligarquias regionais), e por isso defensores dos mais duros ataques aos direitos da classe trabalhadora.

Do mesmo modo, não estamos dispostos a embarcar em um projeto como o do PT, que como nos 13 anos que esteve no poder governou em aliança e sintonia com o capital nacional e internacional, por isso privatizou, retirou direitos e governou com aliados que depois seriam o trampolim para a subida de Bolsonaro.

Opinamos que nos atuais processos de lutas devemos construir uma alternativa socialista, com um programa que ataque aos ricos e poderosos e garanta aos trabalhadores, aos pobres e oprimidos, melhores condições de vida, ou seja, que apresente um projeto de revolução social, um projeto socialista. Um programa socialista, em contraposição a todos os programas burgueses, ou que parem no limite do capitalismo e da democracia burguesa e, por isso mesmo, não se coloquem de forma explícita e categórica no terreno da independência de classe.



PROGRESSIMO

Só é possível o “bem viver” com o fim do capitalismo

BERNARDO CERDEIRA,
DE SÃO PAULO (SP)

Uma das variantes do progressismo que ganhou influência neste século foi a filosofia chamada de “bem viver” no Equador e “viver bem” na Bolívia. Essa ideia foi elaborada a partir de movimentos organizados dos povos originários, dos governos ditos “progressistas” de Evo Morales, na Bolívia, de Rafael Correa, no Equador, de líderes políticos como Alberto Acosta, de ecologistas e intelectuais como Boaventura de Souza Santos.

O conceito vem da “cosmovisão das comunidades tradicionais” da América do Sul, o dito Sumak Kawsay na língua quechua e foi, inclusive, incluído nas Constituições do Equador e da Bolívia.

Essa visão é crítica e combate o capitalismo, denunciando a exploração, a crescente desigualdade social e o desenvolvimento desenfreado que explora e destrói a natureza que estão na essência desse sistema. Denunciam a lógica da acumulação capitalista interminável de bens.

Os teóricos da filosofia do “bem viver”, ainda que com abordagens diferentes, concordam que o ser humano, e não o lucro, deve ser o centro da preocupação social. Propõem uma economia solidária, inclusiva, sustentável e democrática e defendem o estabelecimento de uma relação dinâmica entre o mercado, o Estado e a sociedade.

Defendem os direitos dos povos originários e a constituição da plurinacionalidade, da descentralização e reorganização territorial

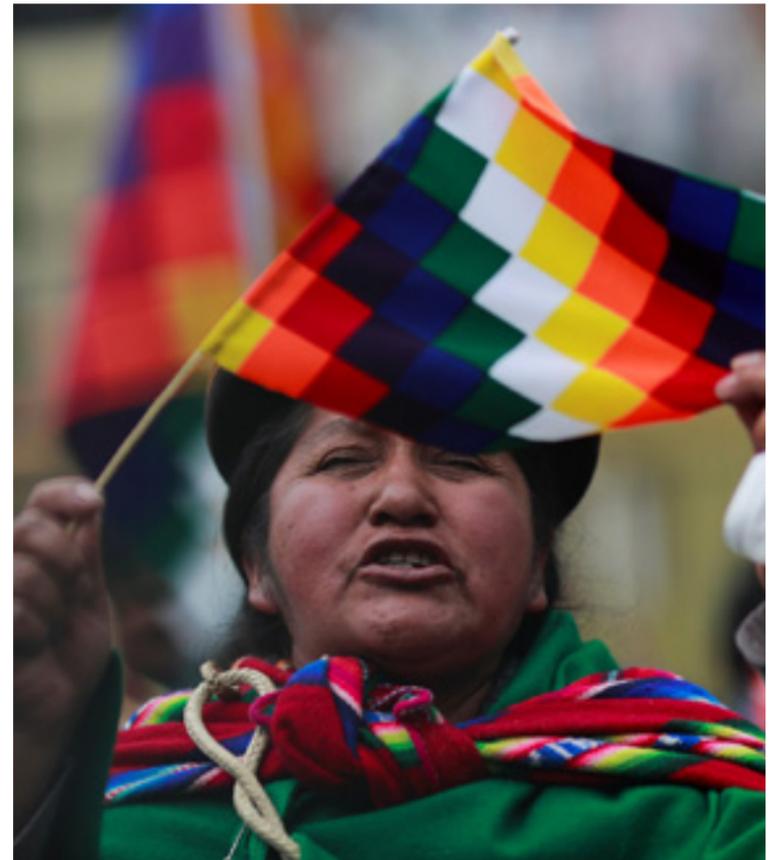
como fundamentos dos estados. Direitos da natureza.

Também propõem a democracia participativa como forma de organização do Estado e a cidadania universal que iguale cidadãos natos e imigrantes em todos os países.

Estamos totalmente de acordo com a crítica do sistema capitalista imperialista como gerador de exploração, opressão, desigualdade social e destruição da natureza. E também que o ser humano deveria ser o centro.

Da mesma forma, estamos totalmente a favor dos direitos nacionais e de território dos povos originários, da proteção da natureza e de acabar com a exploração e com as opressões. O problema é como conseguir tudo isso?

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/LOMOI](https://pstu.ml/LOMOI)



SISTEMA

Sem acabar com o capitalismo, o “bem viver” é ilusão



Enquanto capitalismo for mantido, grandes empresas vão continuar destruindo o meio ambiente e expropriando populações indígenas e camponesas

A partir daí começam as nossas diferenças. É possível implantar uma economia solidária, inclusiva, sustentável e

democrática pelo exemplo de algumas ou muitas comunidades ou cooperativas dentro do sistema capitalista?

A experiência histórica tem demonstrado que isso é impossível. O capitalismo destrói todas as formas de

produção que resistem à lógica da produção por meio da propriedade privada, da obtenção do maior lucro possível, troca e acumulação e reprodução do capital.

Enquanto houver essa propriedade privada dos meios de produção e troca (fábricas, bancos, grandes comércios etc.), cujo objetivo é produzir mercadorias para colocá-las à venda no mercado para conseguir o maior lucro possível com essa venda, haverá a tendência à competição entre as empresas, à concentração de capitais nas empresas maiores e à destruição das menores e da produção comunitária.

A exploração desenfreada dos recursos naturais, a ex-

propriação territorial de camponeses e indígenas e a destruição da natureza são uma consequência inevitável desse ciclo infundável de obtenção de lucros, acumulação e reprodução do capital.

Sem expropriar os meios de produção e troca das mãos da burguesia e acabar com a propriedade privada desses meios não é possível construir uma economia solidária, nem inclusiva, sustentável ou democrática.

LUTA DE CLASSES E REVOLUÇÃO

Qualquer ser humano racional e com um mínimo de consciência social deveria estar a favor do “bem viver”. O problema é que a

sociedade capitalista, onde todos vivemos, está organizada em classes.

E a classe burguesa, que é a classe exploradora e dominante nessa sociedade, não só não pretende abrir mão da propriedade dos meios de produção e de suas riquezas, como impõe a sua ideologia às classes exploradas e oprimidas, porque controla e dispõe dos meios de comunicação e dos sistemas de educação e de produção cultural.

Por isso, a burguesia impõe para a maioria absoluta da sociedade a falsa consciência de ideologias como o direito sagrado à propriedade privada, o “empreendedorismo”, a meritocracia ou os preconceitos opressores como o racismo, o machismo e a LGBTfobia.

Mas o mais importante é que a burguesia domina e controla as instituições do Esta-

do, como o Executivo, o Judiciário, o Legislativo, por meio dos quais governa. E, principalmente, organiza e constrói uma instituição de homens armados para defender sua propriedade privada: as polícias e as Forças Armadas.

Não pode existir uma democracia verdadeira enquanto predominar essa falsa democracia dos ricos, baseada na eleição de representantes pelo poder do dinheiro e na corrupção dos governantes, dos juízes e deputados. E, por outro lado, na repressão permanente e no terror policial sobre as comunidades pobres e a juventude negra.

Nem muito menos pode existir qualquer forma de “democracia participativa” e cidadania efetiva, como defende a filosofia do “bem viver”, se a burguesia continuar a controlar o Estado e as instituições que detêm o poder: as

Forças Armadas, a presidência, o Congresso e o Judiciário.

Por isso, só é possível o exercício de uma cidadania real, uma “democracia participativa” verdadeira, se o Estado burguês que garante a exploração e a opressão de 90% da sociedade for destruído juntamente com todas as suas instituições e substituído por uma verdadeira democracia de Conselhos Populares eleitos pelos trabalhadores e pelos setores explorados e oprimidos.

Para que isso ocorra, e que o sistema capitalista seja destruído desde as suas bases, é necessária uma intensa luta de classes política que culmine em uma revolução pela força, porque a burguesia não abrirá mão pacificamente das suas propriedades, suas riquezas e privilégios.

Essa conclusão evidente é o que os defensores da filosofia do “bem viver” se re-



cusam a deduzir da sua crítica ao capitalismo, porque teriam que concluir também que a justa luta por reformas, em defesa do território, do

meio ambiente e dos povos originários, sem a luta por destruir a dominação burguesa e o capitalismo, está condenada ao fracasso.

SOCIALISMO OU BARBÁRIE

Socialismo é o caminho para o bem viver

Mas o problema da filosofia do “bem viver” não está somente no fato de que sua formulação é simplesmente uma declaração de boas intenções. O problema é que o capitalismo, em sua fase imperialista, ou seja, em sua fase de decadência, não deixa margens para se buscar o “bem viver” por iniciativas de comunidades, setores, nem mesmo por povos inteiros.

O capitalismo está arrastando a humanidade não só para o “mal viver”, mas cada vez mais para a barbárie. A exploração desenfreada da natureza leva não só a desastres ecológicos como os de Mariana e Brumadinho (ambos em MG), a destruição da Amazônia e dos mares, o aquecimento global, como produz calamidades como a pandemia.

A hipótese da maioria dos cientistas é que a pandemia iniciou com o escape do vírus Sars-Cov 2 da natureza a partir de um processo de mercantilização da do meio ambiente. Mas a pandemia é não é apenas uma catástrofe natural. É um genocídio mundial, não só pela disseminação do vírus, mas pelo colapso proposital dos sistemas de saúde, pela ganância das empresas farmacêuticas que detêm as patentes e pela concentração das vacinas pelos países imperialistas. Mas, além disso, pela insistência das burguesias de diferentes países em manter a produção não prioritária, colocando o lucro acima da vida.

As consequências desse genocídio estão à vista: milhões de mortos, desemprego mundial, milhões de pessoas



atiradas na miséria e ameaçadas pela fome. Crise sanitária, econômica e social.

Diante disso, a alternativa da humanidade não é entre o “mal viver” no capitalismo atual ou o “bem viver”, se-

gundo os preceitos dessa filosofia. A verdadeira alternativa é: ou a classe operária e os setores oprimidos acabam com o sistema capitalista, expropriando a burguesia, ou o capitalismo acaba com

o planeta e com a humanidade: Socialismo ou barbárie. Por isso, a revolução socialista não é uma utopia, é uma necessidade premente e a única forma de alcançar o “bem viver”.

PERU

Em defesa da vontade popular expressa nas urnas

 DA REDAÇÃO

Nove dias depois das eleições peruanas, a justiça eleitoral do país (o Júri Eleitoral Nacional) ainda não havia proclamado Pedro Castillo – candidato do bloco Peru Libre – como vencedor. De acordo com a última atualização, já foram apurados 100% dos votos do segundo turno eleitoral e Castillo obteve 50,12% dos votos válidos (8.835.579), ante a candidata Keiko Fujimori, que ficou com 49,875% (8.791.521).

A demora do Júri Eleitoral Nacional (JNE) proclamar a vitória de Castillo se deve às manobras implementadas pela equipe jurídica de Keiko Fujimori, que busca anular arbitrariamente 200 mil votos, a maioria do interior do país, que votou contra essa candidata.

O plano da ultradireita e do fujimorismo consiste em transformar em conflito o que foi uma nítida expressão do eleitorado nacional a favor do candidato Pedro Castillo. “A aposta da extrema direita é dilatar a figura de um conflito pressionando para um desfecho por fora do processo eleitoral, para o qual vêm alentando mobilizações reacionárias e ataques a todos aqueles que não favoreçam o roubo das eleições”, explica em nota o PST do Peru, filiado à Liga Internacional dos Trabalhadores (LIT-QI).

Nesse sentido, o PST chama os trabalhadores a resistirem aos ataques reacionários de Fujimori, através da mobilização e da ação direta das organizações operárias e populares, com o objetivo de fazer valer a vontade popular expressa nas urnas.

“Não podemos continuar a ‘esperar vigilantes os resultados’, como pedem Castillo, a direção da Central Geral dos Trabalhadores do Peru (CGTP) e os seus aliados políticos. É urgente que a população pobre e trabalhadora que votou em Castillo se levante em todas as partes do país, tome as estradas e cidades e exija sua nomeação imediata. Principalmente quando a mídia empresarial já fala que o JNE levaria até três semanas para decidir o vencedor”, explica o partido em nota.

O PST propõe mobilização, por meio de assembleias em fábricas, minas, obras e locais de trabalho e estudo, para organizar a luta em defesa da vontade popular a partir das bases, “levantando também todas as necessidades urgentes que nos oprimem: vacinação em massa casa por casa, mais fábricas



de oxigênio e leitos de UTI, proibição de demissões coletivas, reajustes gerais de salários e aposentadorias, solução para a falta de alimentos e remédios para o povo”.

O partido também exige a expropriação e prisão dos bens e contas de Keiko Fujimori e sua organização criminosa.

“Nós, trabalhadores e trabalhadoras, sabemos que sem lutas não há vitórias. Ao se colocar à frente da mobilização democrática do povo, a classe operária ganhará a possibilidade de liderar também suas lutas futuras, que não podem esperar até 28 de julho”, explica a nota.

POSIÇÃO

PST chamou voto em Castillo, mas chama independência política



O Peru está passando por um momento especialmente difícil. A pandemia de coronavírus gerou uma crise sanitária e econômica, com uma queda de 11% do PIB em 2020 e um aumento ainda não quantifi-

cado da pobreza, que já era de 20% antes da Covid-19. A crise política também é profunda. Todos os ex-presidentes são acusados ou foram condenados por corrupção. No final do ano passado, uma mobili-

zação aprofundou a crise política – o país teve três presidentes em seis dias, em meio a um cenário de protestos em que dois jovens foram mortos por disparos da polícia.

Diante dessa situação, a campanha de Fujimori defendeu “mão de ferro para resgatar novamente o Peru” e chegou a dizer que defendia uma “demodura”, ou seja, um regime autoritário, tal como foi o governo de seu pai, Alberto Fujimori.

Já a campanha de Castillo expressava eleitoralmente uma esperança de mudança e diante dos ataques infames de Fujimori, empresários e grandes meios de comunicação que veem seus interesses ameaçados.

Durante as eleições, o PST chamou voto em Castillo, mas

sempre defendeu a necessidade essencial de independência política e organizacional da classe trabalhadora, diante da rendição da maioria da esquerda à campanha do candidato. “Votar em Castillo sim, mas não assinar acordos que ponham em risco nossa independência e nossas aspirações, e nos preparemos para sair e lutar. Não é por acaso que a longa experiência histórica da classe trabalhadora legou esse ensino como a única garantia para a defesa de seus interesses de classe”, explica o partido.

O partido alerta que a independência política é essencial ante qualquer iniciativa de Castillo em “estabelecer uma aliança com a burguesia que eles chamam de democrática e

patriótica para apoiar seu governo na forma de uma frente de trabalhadores e empresários, ou frente popular”. Vale mencionar que, logo após as eleições, Pedro Franke, o principal assessor econômico de Castillo, declarou que seu governo respeitará a autonomia do Banco Central e ainda reitera “que não consideramos em nosso plano econômico estatizações, expropriações, confiscos de poupança, controles de câmbio, controles de preço ou proibição de importações”. Também diz que “manteremos um diálogo aberto e amplo com os diversos setores de empresários e empreendedores honestos”.

LEIA NO SITE:
[HTTPS://PSTU.ML/XOT2W](https://pstu.ml/xot2w)

mural

COVA AMÉRICA

Tiro saiu pela culatra

Para usar um clichê, era desde o início uma tragédia anunciada. Quando o governo Bolsonaro, junto à corrupta e capacha CBF, anunciou a oferta do Brasil sediar a Copa América, após a desistência da Argentina e da Colômbia, até as pedras já sabiam o que iria acontecer. Mesmo com o país no epicentro da pandemia se aproximando do meio milhão de mortos, e a ameaça de uma terceira onda, a Conmenbol e a CBF não quiseram abrir mão dos trocados que o torneio de segundo escalão lhe traria.

A seleção brasileira até ensaiou um motim contra o absurdo da realização do campeonato

nessas condições, mas acabou se acovardando. Ninguém acreditou nos tais rígidos protocolos de

segurança anunciado pela Conmenbol. Dito e feito. Enquanto fechávamos esta edição, já eram 53 os casos de infecção entre os integrantes das comitivas internacionais. A delegação da Venezuela, time que estreou contra o Brasil, testou 13 positivos.

Proliferam denúncias de descaso com as mais básicas medidas de segurança, como a falta do uso de máscara. Funcionários do Brasília Palace Hotel, local onde os infectados da seleção venezuelana deveriam, em tese, estar confinados, reclamam que o hotel se recusa a

testá-los, mesmo eles tendo tido contato com os atletas. Mais do que isso, um dos jogadores que testou positivo simplesmente desapareceu e saiu por aí dando um rolê por Brasília.

O que deveria ter sido uma jogada política de Bolsonaro, porém, vem se mostrando um verdadeiro tiro que saiu pela culatra. A “Copa América” causou revolta, sofreu uma debandada de patrocinadores (com exceção do “veio da Havan), e teve a pior audiência televisiva de sua história, no bolsonarista canal SBT.



PREPARE SEU BOLSO

Governo vende Eletrobrás e aumenta a sua tarifa

Enquanto fechávamos esta edição, o Senado votava a Medida Provisória 1.031/2021, que trata da privatização da Eletrobrás. Isso justamente quando o próprio governo anuncia um novo aumento na conta de luz sob a justificativa da crise hídrica provocada pela estiagem.

Crise e risco de apagão provocado por anos de preca-

rização e desmonte mas que, agora, Bolsonaro tem a cara de pau de usar como desculpa para vender a estatal. “Se não privatizar, tem um caos no sistema energético no Brasil”, disse o genocida.

Bolsonaro só não lembra do apagão que atingiu o estado do Amapá no final de 2020 e durou quase um mês. Com o sistema elétrico privatizado

e gerido pela multinacional Gemini Energy, o estado teve de ser socorrido pela Eletrobrás. Aliás, enquanto fechávamos esta edição, o estado passava pelo seu 5º apagão em menos de um ano. Bolsonaro e Paulo Guedes, agora, querem transformar o país num grande Amapá, com apagão e tarifas de energia cada vez mais caras.



CAPITÃO DO MATO

Mais uma de Sérgio Camargo



Em ocasião do 13 de maio do ano passado, o presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, ordenou a publicação de uma série de textos delirantes e caluniosos no portal da fundação. Um deles chamava Zumbi de Palmares de “falso herói” e insinuava que o líder quilombola era um “vagabundo”, “farsante” e “bandido”.

Em dezembro passado, o bolsonarista excluiu da lis-

ta de personalidades negras da Fundação Palmares nomes como Elza Soares e Conceição Evaristo.

E neste dia 10 de junho publicou “Retrato do Acervo: três décadas de dominação marxista na Fundação Cultural Palmares”, um relatório que tenta embasar sua ordem inquisitorial de retirada de obras literárias e imagéticas que, nas palavras do próprio Camargo, são

“obras pautadas pela revolução sexual, pela sexualização de crianças, pela bandidolatria e por um amplo material de estudo das revoluções marxistas e das técnicas de guerrilha”.

Num misto de caça às bruxas macartista e de perseguição cultural maoísta, o relatório dividiu o material entre “Caixas ‘A’ (Temática negra, militante e não militante); Caixas ‘B’ (Temática

não negra, militante e não militante); Caixas ‘C’ (Temática não negra, francamente marxista)”.

Entre os livros banidos por Sérgio Camargo estão “Dicionário do folclore brasileiro” de Luís da Câmara Cascudo, além de obras de autores como Caio Prado Jr., Celso Furtado e clássicos da literatura mundial como Gogol e Tolstói (talvez por serem russos).

ENTREVISTA

Celebrar orgulho e organizar a luta contra a opressão e o genocídio

GABI VASCONCELOS E PEDRO H. FERREIRA,
DAS SECRETARIAS LGBTI DO PSTU DE SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO

Em 28 de junho de 1969, centenas de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexos (LGBTIs), nos Estados Unidos, reagiram à opressão e à repressão que sofriam cotidianamente. A Revolta iniciada no Bar Stonewall tomou as ruas do Village, o bairro boêmio de Nova York, na luta contra a LGBTIfobia, a violência policial e a marginalização, que ainda estão presentes nas nossas vidas. Com essa luta histórica, nasceu o mês do orgulho LGBTI.



Apesar de já terem se passado 52 anos desde a Revolta de Stonewall, Bolsonaro tem atacado as LGBTIs desde que chegou ao poder, apoiado em um discurso machista, racista e LGBTIfóbico. Na pandemia, este governo genocida não garantiu a proteção dos trabalhadores contra o vírus e nada fez contra os efeitos da crise econômica e social que atinge particularmente os setores mais oprimidos da classe trabalhadora.

**EM DEFESA DA VIDA:
CONTRA A MORTE PELO
VÍRUS OU PELO ÓDIO**

As LGBTIs jovens e trabalhadoras estão dentre as maiores vítimas do desemprego, da carestia e da violência policial. Sofrem com o distanciamento das suas redes de apoio e o aumento de doenças mentais e psicológicas; além do risco permanente de morte, seja pelo vírus, pela fome ou pelos crimes de ódio. Ainda mais quando são periféricas ou negras e negros

Bolsonaro, os governadores e prefeitos são os responsáveis por tudo isso, pois deixam os trabalhadores e trabalhadoras expostos ao vírus e à miséria, para proteger empresários e banqueiros, que seguiram lucrando (e cada vez mais) com a desgraça de nossa classe, mesmo durante a pandemia.

Esse tem sido o papel dos governos no mundo todo, e por isso os trabalhadores reagem, lutando por suas vidas: há manifestações no Brasil, pelo “Fora Bolsonaro”; na Colômbia, contra a retirada de direitos; no Chile, uma revolução que derrubou a constituição dos tempos de ditadura, continua agitando o país; em Myanmar (Burma), o povo continua mobilizado contra a ditadura que tomou o país; nos EUA, seguem em luta contra o

racismo e, na Polônia, contra a criminalização das LGBTIs.

Em todas essas lutas as LGBTIs também têm estado na linha de frente, mostrando a indignação contra os governos e a perversa “lógica” capitalista, na qual o lucro está acima das nossas vidas.

**LGBTIS EM LUTA: CONSTRUIR
STONEWALL OUTRA VEZ!**

O mês do orgulho LGBTI não é o momento para apenas “celebrar”, mas deveria ser um impulso para trazer mais LGBTIs para a luta contra a marginalização e contra o capitalismo. Stonewall mostrou o caminho: uma batida policial em um bar LGBTI se transformou em um combate nas ruas, com barricadas, enfrentando a polícia e ganhando apoio da população e de outros setores organizados.

Essa luta levou as LGBTIs a se organizarem para se defender e lutar por seus direitos e suas vidas. Foi um importante marco histórico, a partir do qual surgiram as Paradas do Orgulho LGBTI em todo mundo.

No entanto, o caráter de luta das paradas se perdeu. As Paradas transformaram o mês do Orgulho LGBTI numa festa despolitizada e abandonaram a perspectiva combativa e o caráter da revolta que explodiu em Stonewall. A Parada de São Paulo, considerada a maior do mundo, escolheu, este ano, o tema “Ame + Cuide + Viva +”,



**LEIA NO SITE:
HTTPS://PSTU.ML/TVA10**

mesmo diante do genocídio e do aprofundamento da crise social, sequer denunciando a política genocida de Bolsonaro ou chamando as LGBTIs para a luta.

Esse afastamento político das Paradas é resultado do alinhamento da sua direção com teorias e práticas defendidas pelas correntes reformistas e pós-modernas, como o “empoderamento individual” e a “libertação pelo

mercado”, quando não em parcerias diretas com a burguesia.

Exemplos disto são as alianças com os grandes empresários do “mercado Pink”, as empresas que diariamente exploram e se aproveitam da LGBTIfobia para lucrar mais, mas que se utilizam do evento como uma estratégia de marketing, financiando-o em troca de que os temas políticos não sejam tratados.

PARTIDO

Uma alternativa socialista e revolucionária para acabar com a LGBTIfobia

Diante da pandemia e desse governo genocida é urgente levar para as ruas nossas bandeiras ao lado dos trabalhadores. Por isso, chamamos as LGBTIs (que não são de grupos de risco ou que, mesmo sendo, já tomaram as duas doses da vacina) a participar dos atos de 19 de junho.

Não podemos esperar as eleições de 2022 para tirar Bolsonaro “nas urnas”, como defendem Lula, o PT e setores do PSOL. Esperar até lá custará a vida de milhares! Precisamos botar Bolsonaro pra fora, já! E, como nos ensinou Stonewall, unidos e na luta direta temos forças para isso!

PARTIPE VOCÊ TAMBÉM!

Plenária Nacional LGBTI do PSTU



Também precisamos nos organizar e preparar os próximos passos. Mas, para que avancemos, temos certeza que nossa organização tem que estar pautada em três questões fundamentais: a independência de

classe, a unidade com os trabalhadores e a luta pela derrubada do capitalismo. Por isso, convidamos as LGBTIs a participarem e contribuírem na Plenária Nacional LGBTI do PSTU, no sábado, dia 26, às 17 horas.

Venha participar das elaborações de nosso partido, trocar opiniões sobre como seguir a luta para derrubar Bolsonaro, combater LGBTIfobia e ir além, construindo outro projeto de sociedade, sem exploração e opressão, o socialismo.

VEJA MAIS



USE O QR-CODE AO LADO!
Quer participar e contribuir com nossa Plenária?
Se inscreva pelo formulário:



USE O QR-CODE AO LADO!
Para participar.